

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
CAMPUS CURITIBA**

**DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESENHO INDUSTRIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CENOGRAFIA**

ISIS LOPES SANTINI

DIÁLOGOS ENTRE A ARQUITETURA E A CENOGRAFIA

**CURITIBA
2018**

ISIS LOPES SANTINI

DIÁLOGOS ENTRE A ARQUITETURA E A CENOGRAFIA

Pré-Projeto de Pesquisa apresentado para a
Disciplina de Metodologia da Pesquisa, do
Curso de Especialização em Cenografia, da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná,
Campus Curitiba.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Botter

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

DIÁLOGOS ENTRE A ARQUITETURA E A CENOGRAFIA

por

ISIS LOPES SANTINI

Este(a) Monografia foi apresentado(a) em 10 de julho de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Especialização em Cenografia. O(a) candidato(a) foi arguido(a) pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Fernanda Botter
Prof.(a) Orientador(a)

Maurini de Souza
Membro titular

Amábilis de Jesus da Silva
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

RESUMO

SANTINI, Isis Lopes. **Diálogos entre a Arquitetura e a Cenografia**, 2018. Monografia Especialização em Cenografia. 27 folhas. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

O presente artigo apresenta as convergências entre projetos arquitetônicos e cenográficos, tomando como base o trabalho desenvolvido pelo arquiteto, cenógrafo e designer brasileiro Isay Weinfeld. Tem como motivação a dificuldade em se estabelecer um limite claro para a interface entre os dois campos, já que se encontram em constante mudança. Como usuários da arquitetura exercemos muitas vezes o papel de espectadores. Contemplamos a arquitetura ou o espaço urbano sem penetrá-lo. Podemos comparar nosso papel ao papel dos atores, em uma cenografia que se desenvolve no espetáculo do cotidiano. Através de uma análise iconográfica, serão definidos de elementos significativos em ambas disciplinas, verificando como as construções podem intervir no espaço teatral, assim como no espaço da cidade. Com isso, expõe a ambiguidade do território cenográfico enquanto complementar ao campo de atuação da arquitetura.

Palavras chaves: Arquitetura. Cenografia. Isay Weinfeld.

ABSTRACT

SANTINI, Isis Lopes. **Diálogos entre a Arquitetura e a Cenografia**, 2018.
Monografia Especialização em Cenografia. 27 folhas. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

The present article presents the convergences between architectural and scenographic projects, based on the work developed by the Brazilian architect, set designer and designer Isay Weinfeld. It has as motivation the difficulty in establishing a clear limit for the interface between the two fields, since they are in constant change. As users of architecture we often play the role of spectators. We contemplate architecture or urban space without penetrating it. We can compare our role to the role of the actors, in a scenario that develops in the spectacle of everyday life. Through an iconographic analysis, significant elements will be defined in both disciplines, verifying how the constructions can intervene in the theatrical space, as well as in the space of the city. With this, it exposes the ambiguity of the scenographic territory as complementary to the field of performance of the architecture

Keywords: Architecture. Scenography. Isay Weinfeld.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Villa Dall´Ava de Renn Koolhaas, Paris	12
Figura 02: Peça Quando o Inverno Chegar, 2007.....	12
Figura 03: Peça A Dúvida, de John patrick Shanley, 2007	13
Figura 04: Church of the Light, de Tadao Ando, Osaka.	13
Figura 05: Apartamento de Normal Projects de Michael Chen Architecture	15
Figura 06 :Apartamento de Normal Projects de Michael Chen Architecture	16
Figura 07: Casa Suíça.....	21
Figura 08: Proscênio	22
Figura 09: Apartamento Lima	23
Figura 10: Théâtre des Bouffes du Nord	23
Figura 11: Apartamento Lima	24
Figura 12: Cenário Baque	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A CENOGRAFIA E A ARQUITETURA	10
2.1 O ESPAÇO E O TEMPO	13
2.2 A FLEXIBILIDADE E O DINAMISMO NA HABITAÇÃO CONTEMPORÂNEA Erro! Indicador não definido.	5
3 ESTUDO DE CASO – ISAY WEINFELD.....	21
4 CONCLUSÃO	
ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	6

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em um ensaio sobre as convergências conceituais e a reciprocidade entre a arquitetura e a cenografia, sobre os cruzamentos e os sombreamentos entre as disciplinas. A arquitetura é considerada uma arte tridimensional, ligada e pensada para seres humanos. A cenografia, que teve seu início em caráter bidimensional, hoje invadiu diversos espaços e campos, além dos tradicionais, como o audiovisual e o espetáculo. A arquitetura utiliza cada dia mais recursos e conceitos cenográficos para composição de seus espaços, assim como o campo da cenografia, inversamente, utiliza-se do espaço real arquitetônico ou do urbano como cenário de espetáculos. Essa interface espacial cenografia-arquitetura é considerada fruto do momento contemporâneo de uma sociedade da interdisciplinaridade, do espetáculo.

Profissionais da arquitetura e da cenografia sempre tiveram idênticos problemas para resolver. Assim como o cenário não é a peça, mas é importante para a peça, a arquitetura não é a vida mas também não lhe é neutra. O trabalho traz para o centro das discussões os conceitos e princípios em comum utilizados no processo de concepção cenográfica e arquitetônica. A discussão acerca do tema torna visíveis modos de produzir e pensar tanto em um projeto arquitetônico como um projeto cenográfico, instrumentos para compreender e apresentar similaridades e elementos comuns a projetos arquitetônicos e cenográficos.

Na primeira parte deste trabalho, a cenografia é abordada do ponto de vista da experimentação de processos e linguagens comuns à arquitetura, considerando noções de volume, escala, espessura, densidade, que são linguagens da arquitetura. Atenta-se, também, para a relação que esta estabelece com os atores. Os materiais e seus modelos construtivos não definem o cenário: a sua utilização por parte dos atores e do público revela seus objetos, na medida em que e os torna reconhecíveis e significantes.

Questões como espaço, tempo e flexibilidade são temas recorrentes e debatidos no que se refere às disciplinas de arquitetura e cenografia, e delineiam a segunda parte. Em um projeto cenográfico, ter o controle e a consciência da ação, que sempre se desenvolve em um espaço e um tempo dados, nos permite modelar o cenário de acordo com a dinâmica de mobilidade. Já na arquitetura não é possível

ter esse roteiro tão específico da ação sobre o espaço. Todavia, é possível estabelecer uma proposição de ação sobre o espaço real, e estruturar a arquitetura utilizando recursos da cenografia. O fator tempo está relacionado ao espaço de várias formas, já que a efemeridade (categoria do tempo vinculada à cenografia) tem se estabelecido também na arquitetura através do uso de materialidades efêmeras e desmontáveis, mas também a luz e o som. A flexibilidade em relação a móveis e cenários dinâmicos permite a mudança do pano de fundo da peça a partir da sua manipulação pelos atores, onde os objetos se tornam a ação.

Para concluir o trabalho, obras do arquiteto e cenógrafo Isay Wenfield foram analisadas, permitindo a comparação entre obras arquitetônicas e cenários existentes ao trazer os temas e relações aqui debatidos. Finalmente, notam-se processos de concepção cenográfica e arquitetônica e buscam-se elementos em comum entre as duas práticas.

2 A CENOGRAFIA E A ARQUITETURA NA CONTEMPORANIEDADE

“Cenografia é o tratamento do espaço cênico. O cenário é o que se coloca neste espaço. Assim, não há espetáculo teatral sem cenografia, mas pode haver sem cenário.” (COHEN, 2007)

Para iniciar a reflexão acerca da relação entre arquitetura e cenografia, se faz útil buscar definições de autores que se ocupam deste tema. Para Silva (2013) a cenografia é considerada a relação entre os intérpretes e os recursos de dispositivos cênicos, que podem ser modulares e portáteis, e que variam de acordo com o modo como o corpo interfere e se comunica com os dispositivos cênico. Tais mecanismos devem funcionar como o espaço de interação do corpo dentro de uma cena, pois a relação entre o dispositivo e o corpo não só dá sentido à cenografia, mas também confere novas proporções e interpretações aos objetos. O autor ressalta que a cenografia pode ser considerada um campo efêmero da arquitetura, ao estabelecer que a durabilidade das coisas é o ponto de confronto entre as duas disciplinas. Entende que a arquitetura é associada a fatos permanentes, enquanto a cenografia se relaciona a um momento específico, à duração do ato cênico, devido a seu caráter efêmero consequente à utilização de materiais leves e processos construtivos simplificados.

Segundo Cohen (2007), a partir do século XX a cenografia encontrou renovações cênicas pautadas não somente no texto dramático, mas também em espaço, luz, som, cor, imagem e movimento. O teatro, então, liberta-se da proposta do palco italiano e cria uma nova relação ao se aproximar do público. O teatro se baseia no jogo entre esconder e revelar, dar sentido ou abstraí-lo, de acordo com a proposta dramaturgica e com a busca da interlocução com o público. Hoje o espaço cênico deve ser capaz de tornar único o espaço para um evento teatral, trazendo energia, alma, vivacidade. Deve explorar as relações entre espaço, imagem e a percepção do ator, espectador, diretor e demais artistas.

Magnavita (2010) explica que a partir da década de 60 o teatro buscou inovar a relação entre o indivíduo e o espaço. Foi quando diretores perceberam a importância do espaço como elemento essencial para a construção da personagem. Assim o espaço cênico deixou de ser um suporte para se tornar o espaço da ação. Já na arquitetura, o edifício deixa de ser um abrigo, e converte-se em espaço promotor de encontros entre ator e personagem.

Para o Ministério do Trabalho, o cenógrafo é um profissional que formula o conceito artístico da cenografia, que pesquisa a obra e seu contexto histórico, perfil das personagens, autor e conteúdo, e possibilita a compreensão do texto. É responsável por dar corpo às palavras no espaço e no tempo ao criar ambientes e atmosferas que valorizam e enfatizam a concepção cênica. Elabora projeto cenográfico a partir de estudos preliminares do espaço cênico, prevê a viabilidade da utilização de materiais e de ajustes com as equipes artística, técnica e de produção. Acompanha a concretização do projeto, coordena e supervisiona equipes de cenotécnica, produção cenográfica e demais equipes envolvidas na montagem da cenografia. Ainda, elabora projetos cenográficos para adaptar uma cenografia a novos lugares e espaço. Atualmente, no Brasil, o cenógrafo atua em diversas áreas de expressões artísticas que possuem o espaço como objeto em comum, como o teatro, cinema, televisão, ópera, show, exposição, carnaval, eventos, restaurantes, parques temático, entre outros.

Cohen (2007) considera a cenografia como disciplina dotada de um caráter efêmero e provisório, colocando-a em oposição à arquitetura. Afirma que é fácil identificar um projeto cenográfico em áreas como cinema e teatro, mas que é difícil determinar o caráter cênico em um estande de vendas ou festas de casamento e aniversários, quando na verdade trata-se de um trabalho de decoração, design ou arquitetura de interiores. Na prática atual, a cenografia não é mais exclusiva do mundo do teatro, pois amplia-se como linguagem artística a mercados comerciais.

Ainda segundo Cohen (2007), se tratarmos a disciplina como uma linguagem artística, permite identificar a diferença entre a cenografia e a cenografia aplicada, sendo a última definida como a linguagem utilizada para fins comerciais que não a de expressão artística, como feiras e estandes. O autor acredita que a cenografia é uma forma de expressão artística capaz de reunir arte e técnica na criação da espacialidade, dialogando assim com o caráter cênico.

Para os gregos, conforme Cohen (2007), a cenografia era considerada a arte de adornar o Teatro, já no Renascimento era tratada como sendo uma representação bidimensional, representando o lugar de uma forma realista. A cenografia passa para um caráter tridimensional do século XIX para o século XX, deixando de ser ilustrativa, e se tornar um dispositivo visual ao ganhar presença e interatividade com o público.



Figura 1: Villa Dall'Ava de Rem Koolhaas, Paris
Fonte: Cenografia Brasileira Século XXI, 2007, São Paulo.



Figura 2: Peça Quando o Inverno Chegar, 2007
Fonte: Cenografia Brasileira Século XXI, 2007, São Paulo.

No teatro contemporâneo, a cenografia aparece como a arte de adaptar os espaços teatrais para um acontecimento teatral. Sendo assim, pode ser definida como uma situação que coloca seres humanos em uma relação de ação e recepção ao gerar a necessidade da determinação de um espaço-tempo. É responsável pela expressão não verbal da representação, como mostram as figuras 1 e 2.

2.1 O ESPAÇO E O TEMPO

O espaço é um elemento comum entre a cenografia, as artes plásticas e a arquitetura. Sua compreensão, seu desenho, ocupação, composição, cor e iluminação integram o processo de criação do cenário. A cenografia teatral trata das visualidades, o argumento, a presença, o ator, o lugar, a recepção e o espectador. Por isso, Cohen (2007) considera a cenografia como um trabalho artístico que não pode ser expresso em palavras. Podemos notar tais afirmações ao comparar as figuras 3 e 4.



Figuras 3 e 4: *Peça A Dúvida*, de John Patrick Shanley, 2007; *Church of the Light*, de Tadao Ando, Osaka.

Fonte: *Cenografia Brasileira Século XXI*, 2007, São Paulo.

Na primeira imagem, faz-se necessária a presença humana para dar sentido ao projeto, contrapondo-se à segunda imagem que retrata um projeto arquitetônico.

“Cenografia é a solução dramática do espaço; se a arquitetura é uma gigantesca escultura tridimensional ao ar livre, então a cenografia é para mim, uma forma de transformar do avesso o interior de uma escultura em qualquer espaço concreto” (COHEN, 2007)

Cohen (2007) afirma que podemos pensar que o cenógrafo pode assumir um papel próximo ao de um arquiteto, já que pode elaborar um espaço, assim como um arquiteto pode assumir o papel de cenógrafo. Para a cenografia, o espaço existe como um meio de interlocução entre o artista e o espectador, durante uma cena. Trata-se então de um espaço existente na duração de um acontecimento, já a arquitetura organiza o espaço que será utilizado por pessoas, estabelecendo um diálogo entre elas e o espaço. Mas um projeto arquitetônico está sempre ligado a um cliente e a uma condição social e econômica, já o inverso acontece com a cenografia.

A efemeridade é o ponto de divergência entre a arquitetura e a cenografia. Cohen (2007) aponta que ao sugerir uma locação para um espaço de ação, como um prédio ou uma rua, pode-se optar por não fazer alguma modificação em tais espaços. Sendo assim a arquitetura existente pode ser utilizada como um cenário, como um palco vazio. O autor nesse caso questiona o que é efêmero, o espaço ou a ocupação do espaço por um determinado tempo? E qual o papel do cenógrafo nessa situação? E explica ainda que o espaço só tem sentido em uma cenografia com a presença do humano e da ação, já que o cenógrafo é o responsável por propor as imagens relacionadas ao evento, de acordo com o roteiro.

O espaço e o tempo para o teatro não se restringem ao quando e onde aconteceu. Sua importância vai além da dimensão e o tempo de duração do evento, já que o tempo e o espaço são construídos pela dramaturgia. O espaço no teatro não se limita ao cenário ou ao edifício, mas sim ao diálogo com a luz, o som, o movimento e a presença humana, variáveis de acordo com o contexto cultural, histórico e político. Assim como o tempo que não é considerado uma sequência de unidades, ele é um elemento vivo e orgânico percebido através de imagens reveladas pelo espaço.

A cenografia se desenvolve, segundo Cohen (2007) sobre o onde e quando se dá o encontro dos homens, sendo apresentada pelo ponto de vista do espectador e do ator também, se tratando de um olhar de diferentes contextos. Ou seja, a cenografia deve promover a interação entre o tempo e o espaço, conscientizando o espectador de tal relação, permitindo o relacionamento do ator com tais dimensões.

2.2 A FLEXIBILIDADE E O DINAMISMO NA HABITAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Em um âmbito prático, Lopes (2013) afirma que a cenografia pode utilizar objetos cênicos modulares caracterizados por sistemas dinâmicos, portáteis e multifuncionais, que permitem mudanças constantes no espaço. Assim o cenário passa a ter um caráter interativo com a ação, deixando de ser um objeto estático, como no cenário tradicional. A flexibilidade está ligada à multifuncionalidade, permitindo a criação de cenários dinâmicos e portáteis associados aos movimentos da ação dos intérpretes, dando ao espaço diferentes atmosferas e interpretações.

“De alguma forma, pode-se afirmar que a arquitectura se transforma em objeto cênico e este em elemento configurador do espaço numa estreita relação com o corpo do intérprete. As cenografias constroem espaço, propondo que o intérprete se mobilize, utilizando-o.” (SEVILHA, 202, p. 16)

Na arquitetura, tais conceitos são encontrados em espaços habitacionais, como na concepção de mobiliários que permitam espaços versáteis, para dar resposta às transformações da sociedade, no que se refere a novas tecnologias, às noções e aspirações no tocante à ecologia e à funcionalidade, e à necessidade de personalização do ambiente. É possível notar nas Figuras 5 e 6 possíveis configurações de um mesmo espaço, identificadas através de possíveis soluções de mobiliários.



Figura 5: Apartamento de Normal Projects de Michael Chen Architecture

Fonte: Da Arquitetura à Cenografia. Em: Nuno Lacerda Lopes | Scenes. Do desenho à representação.



Figura 6: Apartamento de Normal Projects de Michael Chen Architecture
Fonte: Da Arquitetura à Cenografia. Em: Nuno Lacerda Lopes | Scenes. Do desenho à
representação.

Atualmente, com novas formas de apropriação do espaço influenciando a cenografia, o espaço cênico e a tipologia do espaço teatral, o destaque ao objeto cênico permite um novo diálogo entre a cenografia e a arquitetura. Mesmo que tratem de disciplinas distintas, a relação entre a arquitetura e a cenografia nunca foi clara:

“O teatro sempre esteve ligado à arquitetura, não só pela simples construção do edifício, mas sobretudo porque na essência se trata de colocar o homem em ação. O homem no espaço, na sua relação social e psicológica onde os problemas da acústica, ótica, cor, geometria, são elementos comuns à arte da construção do espaço e à arte dramática.” (LOPES, 2012, p. 22)

O tempo é o fator que podemos apontar entre as duas disciplinas, já que como já dito antes, a cenografia é caracterizada pela arte do efêmero e a arquitetura apresenta um sentido de perenidade e durabilidade. Lopes (2013) considera a cenografia como uma arquitetura do tempo limitado, o desenho com prazo de validade. É uma arquitetura leve e nômade, projetada para a sua construção e para o seu desmantelamento.

Em cenografia, o espaço teatral e cênico consiste em dois elementos fundamentais e de grande influência no que diz respeito à ação dramática. O espaço teatral se dá pelo espaço físico em que acontece o contato entre os espectadores e a ação dramática por um tempo determinado; já o espaço cênico surge como o espaço da ação dramática, que pode estar restrito à área do palco, ou não.

A arquitetura está ligada ao perene e que nos ultrapassará em duração, a concretização de projetos transformáveis e flexíveis na sua forma e na função. É no contexto da sociedade atual, como já comentado, uma questão associada ao tempo, às próprias tecnologias e soluções construtivas.

Lopes (2013) reforça que tais conceitos de flexibilidade e dinamismo, em arquitetura não se limitam ao âmbito habitacional. Com as diversas possibilidades facultadas pela sua utilização, estes conceitos tendem a ser aplicados em variados projetos resultando em peças ou objetos dinâmicos, como móveis e/ou transformáveis, que com sua fácil adaptabilidade aos espaços arquitetônicos permitem uma pluralidade de soluções que se moldam às exigências humanas, podendo resultar desde peças de mobiliário urbano até a edifícios públicos. Esses elementos possibilitam a requalificação de um edifício antigo ou sem função atual, retornando à sociedade com novas aplicações, permitindo vivências e utilizações, de acordo com a necessidade de quem o utiliza, adequando-se ao período temporal enquadrado.

Assim, os princípios de flexibilidade e transformabilidade procedendo em sistemas que respondem às necessidades sociais, resultando em uma nova realidade, de reinterpretação e reinvenção de modos de habitar. Com o emprego de tais conceitos, os projetos dos espaços arquitetônicos se caracterizam e se adaptam à dinâmica social, tornando-se mais rentáveis por sua capacidade de moldagem.

Para Lopes (2013) é necessário, atualmente, pensar a habitação como um sistema aberto a mudanças, sendo mais adaptável à diversidade sócio cultural, mais

durável e rentável, proporcionando assim uma habitação ajustável às pessoas e ainda assim otimizando os recursos envolvidos. Já que o modo de vida e a evolução da mentalidade da sociedade originaram alterações na apropriação dos espaços habitacionais. Assim a ideia de habitação como uma célula fragmentada constituída por espaços definidos, já utilizados à décadas, com as rápidas transformações da sociedade torna-se ultrapassada, sendo necessária a reflexão sobre a arquitetura de espaços multifuncionais e versáteis, apoiados sobre os conceitos de flexibilidade e transformabilidade.

Sendo assim, a habitação surge como um espaço privado e versátil, capaz de se adaptar a cada momento, uso, época e habitante; independentemente das transformações que a sociedade sofra. Para Ribeiro (2008) a definição de espaço teatral consiste no lugar onde se realiza uma ação gestual, é o lugar do acontecimento teatral, de permuta entre o os atores e espectadores. O espaço do espetáculo condiz com a cena propriamente dita, de um lado, e por outro, a sala como espaço público. Já o espaço cênico, sendo o espaço da representação, pode ou não estar confinado à área do palco, é determinado pelos fatores da relação com o espaço teatral (o espaço físico, arquitetônico do teatro) e a dramaturgia.

O autor considera ainda a cenografia como a organização do espaço cênico, criando ou recriando um espaço, abrigando, caracterizando, enquadrando e expondo o ator. A cenografia é dependente de outras disciplinas, apesar de sua própria identidade, como a encenação, a luz, som, figurino e etc.

“cenografia significa o desenho, a concepção do espaço cênico e cenário, os elementos que se colocam neste espaço. Não há espetáculo teatral sem cenografia, mas ele pode não ter cenário, sendo um simples praticável vazio, a ser preenchido por actores (...). Assim, quando vemos alguns directores [contemporâneos] afirmarem que o seu espetáculo não tem cenografia, eles apenas querem dizer que não usam cenários”. (SERRONI, 2012)

A cenografia pode ser definida como a arquitetura da ficção, associada à imaginação e ilusão, da capacidade de criar ficção; assim como a arquitetura é uma construção durável que se vincula a vida real, a uma realidade física e temporal, de pertencimento a um lugar.

“A cenografia e a arquitectura inscrevem-se em territórios distintos, distinção essa que se manifesta em temas opostos como, imagem e construção, ilusão e real, simulação e verdade, conduzindo a diferentes modos de leitura da realidade. Tradicionalmente, os territórios em que se inscrevem identificam objetos de concepção próprios. A arquitectura tem um campo de ação inscrito na realidade e no cotidiano, destina-se a cumprir necessidades concretas; opera espaços edificados, através de um sequencial representativo, cujo objeto é a construção. Por seu lado, a cenografia pertence ao campo da ficção e trabalham com textos, encenações e representações protagonizadas pelos gestos e expressões dos actores inscritos no espaço.” (RIBEIRO, 2008)

Já para Ribeiro (2008) o teatro pode se distanciar do real, criar o seu mundo, de forma que “ironia, o duplo sentido, o sonho, a poesia e a provocação intelectual convivem sem preocupação pelas concretizações formais”. O autor considera o palco como um lugar de invenção de algo que fala da realidade, é o lugar onde o artificial se transforma em um sistema. Considera ainda a arquitectura como o concreto, algo que tomou forma, massa e espaço, o reflexo da vida.

Enquanto no projeto cenográfico os acontecimentos são previstos, na arquitectura se considera o usuário, onde o arquiteto procura responder às vivências do cliente, trabalhando com conceitos funcionais e de durabilidade, já o cenógrafo trabalha com argumentos da imaginação e espaços mentais, tendo uma essência simbólica. O teatro constitui a realidade e a ilusão, a ausência e a presença, o aqui e o além, que para o autor não podemos considerar nem um espaço cênico nem público, mas sim um jogo de elementos fictícios e reais, um espaço intermediário, de passagem entre o material e o real, sendo para Ribeiro, (2008) “um dos temas essenciais nas artes cénicas: toda a criação teatral é uma gramática do que está entre a ficção e a realidade”.

“O espaço cénico assenta, sobretudo, na capacidade dos objectos abrirem portas para um universo impalpável que só existe em potência. O cenário, diante dos espectadores, constitui-se como um espaço sugestivo, um objeto físico que desafia e potencia uma narrativa imaginária: é apenas passível de ser construído no plano do pensamento.” (RIBEIRO, 2008)

Mais uma vez a questão do tempo e durabilidade são confrontados entre as disciplinas de arquitectura e cenografia, já que o autor classifica a cenografia como a “arquitetura do tempo limitado, o desenho com o prazo de validade, a arquitectura ligeira e nômade, projetada para a sua construção e também para o seu desmantelamento”.

Para a cenografia, o tempo do espetáculo determina o uso do seu espaço interior, contrapondo-se com o espaço exterior, permanente, característico da arquitetura. A duração da arquitetura é a vivência, não tendo um começo e fim programado, como a da cenografia, determinada pela narrativa. Para a arquitetura o espaço do habitante é vivido e não representado. Para Ribeiro (2008) “Ao contrário da arquitetura, o teatro ocupa sem permanecer, constrói sem edificar; onde a cenografia constitui uma “arquitetura de palco” que desaparece sem deixar rasto. O palco é o lugar da representação e como tal, do efêmero, em trânsito, que altera e reinventa a arquitetura preexistente. Constitui o lugar onde se confronta o interior e transitório com o externo e permanente: o lado de fora real e durável e o interior fictício e frágil. Uma espécie de espaço dentro do espaço: o teatro, lugar físico, enquanto espaço de suporte do espaço imaginário, lugar inconstante e intangível”.

O autor explica que o interior do edifício teatral deve criar condições para a produção de um espetáculo, sendo de natureza cênica e não arquitetônica, criando uma oposição entre o lugar material e o imaginário.

Mesmo consideradas disciplinas distintas, a cenografia utiliza de signos arquitetônicos para sugerir espaços na dramaturgia. Ribeiro (2008) afirma que a arquitetura se transforma em objeto cênico na relação do espaço com o corpo do intérprete. Faz-se necessário que essa relação entre os atores e os objetos sejam uma vivência e não uma simulação, aproximando-se assim da prática arquitetônica. Ou seja, os modelos arquitetônicos adquirem novos significados, podendo representar coisas distintas para a construção do espaço cênico.

Outra questão referente às duas disciplinas é a recriação de imagens reais, o uso literal dos materiais, levando para o palco o modo de pensar e fazer da arquitetura, com a densidade e peso dos próprios materiais. Assim, a autenticidade dos componentes procura um valor de sensibilidade, destacando o detalhe e a preocupação com a veracidade da relação do ator com o objeto.

3 ESTUDO DE CASO - ISAY WEINFELD

O projeto arquitetônico e o cenográfico, como já dito anteriormente, possuem muitas particularidades, indo além da representação de ideias em projetos. Assim como o arquiteto planeja de acordo com padrões de estética e funcionalidade, a cenografia também possui técnicas específicas, no tocante a cores, materiais, iluminação e acabamento.

Muitos arquitetos se utilizam de recursos da cenografia e proporcionam aos projetos qualidades cênicas. Na obra do arquiteto, designer e cenógrafo brasileiro, Isay Weinfeld, podemos identificar concepções inspiradas no teatro. Segundo Almeida (2013), quando experimentamos seus espaços, eles se mostram sutis e belos de forma que ao primeiro olhar não é possível captar. A paixão do arquiteto pelo palco e cinema pode ser sentida na maneira como, por exemplo, ele organiza uma circulação, que transcende o aspecto funcional de ligação entre cômodos, através de uma experiência sensorial como uma parede de pedra, ou uma sacada que pode ter um valor dramático de um palco, com uma cortina ao vento.



Figura 7: Casa Suíça

Fonte: Do Edifício Teatral a Arquitetura de Interiores: O Espaço Habitado sob o Olhar da Cenografia, 2013.



Figura 8: Proscênio

Fonte: Do Edifício Teatral a Arquitetura de Interiores: O Espaço Habitado sob o Olhar da Cenografia, 2013.

No projeto Casa Suíça (Figura 7) nota-se o teor de dramaticidade da sala de jantar, inserida em um nicho branco e o pé direito de 7 metros. Assim como em seus projetos de cinema ou teatro, Weinfeld, segundo Almeida (2013), conduz o espectador para experiências táteis, espaciais e visuais. Nos seus projetos residenciais, o arquiteto mescla o abstrato e o tátil, volumes grandes com superfícies extremamente detalhadas com materiais naturais, dando ao espaço conotações de calor, cor e textura. Os projetos de Weinfeld possuem elementos, pontos que se confundem com a parede e ficam ocultas ao ambiente, e que revelam ao indivíduo diversos focos e dimensões, dando perspectivas, clareza e movimento.



Figura 9: Apartamento Lima

Fonte: Do Edifício Teatral a Arquitetura de Interiores: O Espaço Habitado sob o Olhar da Cenografia, 2013.



Figura 10: Théâtre des Bouffes du Nord

Fonte: Do Edifício Teatral a Arquitetura de Interiores: O Espaço Habitado sob o Olhar da Cenografia, 2013.

Nesse apartamento (Figura 9), nota-se a figura cênica presente no projeto, com distribuição de luzes em linha reta, a cor branca que predomina, a textura do adereço, dando a ideia de coxias, assim como o tapete dá a ideia, segundo Almeida (2013) de uma cena a espera de um ator.



Figura 11: Apartamento Lima

Fonte: Do Edifício Teatral a Arquitetura de Interiores: O Espaço Habitado sob o Olhar da Cenografia, 2013.



Figura 12: Cenário Baque

Fonte: Do Edifício Teatral a Arquitetura de Interiores: O Espaço Habitado sob o Olhar da Cenografia, 2013.

Ao analisar imagens e projetos (Figura 11), conclui-se que há um forte traço de dramaticidade e plasticidade cênica na construção de ambos, como nota-se na distribuição do mobiliário, remetendo a um palco. Isay Weinfeld mostra que a cenografia, inicialmente criada pelo teatro com seu recurso estrutural, está intimamente ligada aos moldes da composição de interiores.

A concepção espacial, nos projetos de Isay Weinfeld, aqui estudada como aspecto estético, provinda da construção do fazer cenográfico, muito tem em comum com a arquitetura. A cor, a composição, a harmonia, a perspectiva são alguns dos componentes visuais que se vinculam a essas áreas criados a partir do olhar da cenografia sobre o estudo do comportamento do homem que será inserido no espaço projetado.

4 CONCLUSÃO

Ao concluir este estudo, onde analisei elementos da arquitetura como base de criação da cenografia, assim como retratar elementos do edifício teatral na composição de projetos arquitetônicos.

Pude notar que hoje a cenografia invadiu vários espaços, penetrou em diversos campos, além tradicionais, do audiovisual e do espetáculo. Assim como a arquitetura cada dia mais utiliza recursos cenográficos para composição de seus espaços. E a cenografia, inversamente, faz uso frequente do espaço real arquitetônico ou do urbano como cenário de obras.

O capítulo que transcorre sobre a análise das experiências de Isay Weinfeld permitiu levantar questões sobre o uso de ferramentas e recursos cenográficos como estratégia para o processo de concepção arquitetônica.

E para finalizar, pude constatar que a cenografia alia criatividade ao conhecimento de técnicas e teorias específicas que possuem, sobretudo, a intenção de organizar um espaço, para que neles se estabeleça uma relação de interação entre a cena e o público. Já o cenário, em sua plasticidade, compõe-se como um elemento cenográfico, onde se completa com outros componentes como: figurino, maquiagem, sonoplastia, iluminação, adereços, entre outros, para a composição de uma cena, a qual poderá apenas ser analisada dentro do contexto do espetáculo encenado. Mas é notório que a cenografia e arquitetura caminham com seu valor conceitual para o ideal de um projeto que preza pelo desenho do espaço, pela percepção e simbologia, onde decorrem pelos ideais do teatro, da caixa cênica e do fazer metodológico, que une as duas áreas. Assim, entendeu-se que a cenografia não é só a decoração de um palco; é também o pensar em toda estrutura espacial onde as pessoas se movimentarão e onde haverá interação com os objetos nele contidos. E, dentro dessa perspectiva, conceitua-se o projeto de arquitetura se vincula ao mesmo modo do fazer cenográfico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anderson Diego da Silva, Do Edifício Teatral a Arquitetura de Interiores: O Espaço Habitado sob o Olhar da Cenografia, 2013.

COHEN, Miriam Aby, Cenografia Brasileira Século XXI, 2007, São Paulo.

LOPES, N. L., 2012. Da Arquitetura à Cenografia. Em: Nuno Lacerda Lopes | Scenes. Do desenho à representação.

MAGNAVITA, Pasqualino Romano, Arquitetura, Cinema, Tecnologia e Cenografia Virtual, 2010.

LOPES, Cláudia Ferreira, Mundo Novo, 2013.

RIBEIRO, João de Lima Mendes, Arquitetura e Espaço Cênico, 2008.

SERRONI, José Carlos. Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo. São Paulo: Edições Sesc SP, 2012.

SEVILHA, A. R., 2012. João Mendes Ribeiro - Entrevista. Revista Traço, 14 Julho, pp. 14-19.

SILVA, Álvaro Manoel Campos Silva, Arquitetura e dispositivo cênico: a itinerância no espaço público, 2013.